Correio da Manhã

Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE
CORREIO SERRANO

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 6 de Junho de 2024 - Ano CXXII - Nº 24.532

Projeto traz à luz versões inéditas de sucessos
PÁGINA 3

Rio2C chega à sua reta final na Cidade das Artes
PÁGINA 6

Foto de Sebastião Salgado entra em seleção do NYT
PÁGINA 7

2º CADERNO

Beti Niemeyer/Divulgação

Titã das artes cênicas brasileiras, Othon Bastos atua em seu primeiro monólogo, o autobiográfico 'Não me Entrego, Não', com dramaturgia de Flávio Marinho

'Cheguei aos 90 procurando diretrizes'

Por **Rodrigo Fonseca** | Especial para o Correio da Manhã

Othon Bastos já fez de tudo o que o teatro podia exigir de um titã como ele, em sete décadas de uma das carreiras mais aclamadas do país, mas monólogo, não. Essa dívida começa a ser quitada pelo ator de 91 anos a partir desta sexta-feira, no Teatro Vanucci, do Shopping da Gávea, onde ele estrela "Não Me Entrego, Não!".

O texto e a direção são de Flávio Marinho, que inicia a temporada com três dias de ensaios abertos, para estrear definitivamente no dia 14 de junho, ficando até 28 de julho. O espetáculo foi batizado em referência à música de seu personagem mais icônico, o cangaceiro Corisco, e emenda uma série de memórias de vida e obra de Othon.

O périplo histórico começa a primeira leitura em público na infância e passa pelo sucesso mundial de "Deus e o Diabo Nas Terra Do Sol", de Glauber Rocha, que projetou este ator baiano da pequena Tucano para o mundo em 1964.

Múltiplos acertos – em especial o sua atuação no longa "São Bernardo", de Leon Hirszman – são evocados ao longo da dramaturgia elaborada concebida pelo talentoso Marinho, mas o principal verbo de ação dessa escrita é "viver".

Pois no dia a dia de Othon, "viver" é "resistir" e "resistir" é "atuar". É o que ele explica na entrevista que trazemos na página seguinte.

CORREIO CULTURAL

Divulgação

Dani Guimarães e Luiz do Brownie formam o Dudalu

Dudalu e convidados fazem show pelo Rio Grande do Sul

O Dudalu, duo composto pelo casal Dani Guimarães e Luiz do Brownie, realizará um show beneficente no Na Lata Botafogo nesta quinta-feira (6). O valor arrecadado na portaria será doado aos moradores de São Leopoldo (RS), cidade natal da equipe da casa de shows. Com participações especiais de novos nomes da música carioca, a noite começa às 19h com valores a partir de R$ 15. Entre os convidados confirmados estão Vandré Silveira, Gab Lobo, Lucas Felix, João Marcelo, Marcelo Aragão, Madú, e Helena Crespo, que se juntarão à dupla.

Com pouco mais de um ano e meio desde seu primeiro lançamento, o Dudalu acumula milhões de streams.

Refugiados

A edição de junho da Feira Refúgio em Foco de Imigrantes Empreendedores Sociais acontece nesta quinta (6) na sede da Prefeitura, das 9h às 17h. O evento terá 20 barracas com empreendedores de diversas nacionalidades.

Mesa-redonda

O Instituto Cervantes do Rio realiza no dia 14 a mesa-redonda "Literatura, humor ou tragédia", com Renato Cisneros (Peru), Teresa Cárdenas (Cuba) e Bárbara Belloc (Argentina), tendo o mexicano Víctor Lemus como moderador. Evento gratuito.

Luzes coreanas

"Luzes da Coreia", a maior exposição de arte da Coreia do Sul já realizada no Brasil, chega ao Salão Principal do Museu de Arte Contemporânea - MAC Niterói neste domingo (9). A curadoria é da jornalista Ana Cláudia Guimarães.

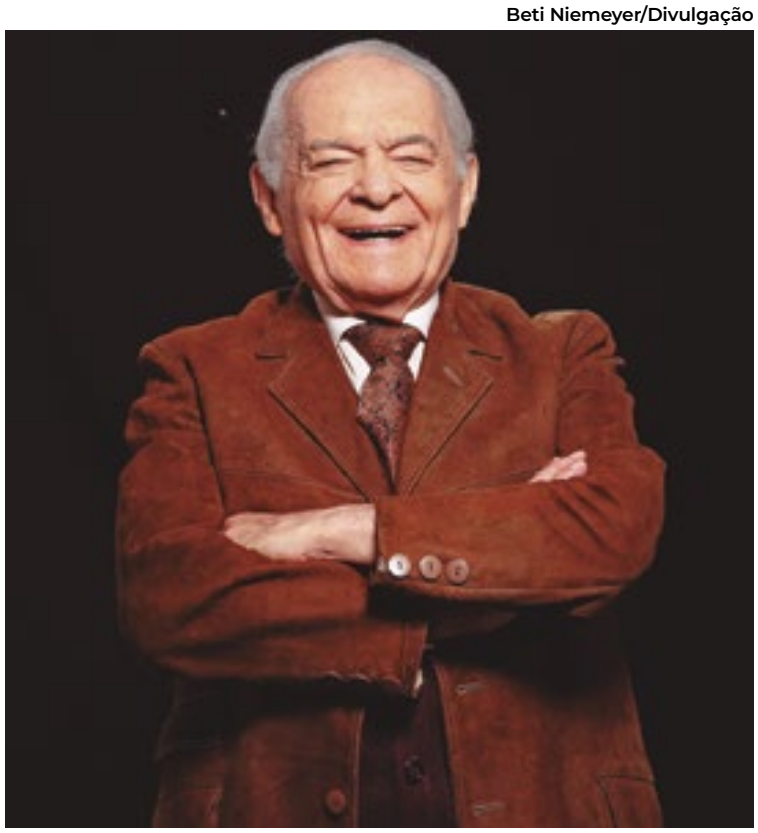
De saída

O jornalista Eleandro Passeia, âncora do Balanço Geral Manhã (Record), deixará a emissora após o fim de seu contrato, em 15 de junho. Em nota, a Record informou a decisão. "Decidiram, em comum acordo, não renovar o contrato", disse o profissional.

ENTREVISTA / OTHON BASTOS, ATOR

'Quero dominar a minha vida sem viver de saudades'

Beti Niemeyer/Divulgação



Othon Bastos repassa décadas de vida e de sua trajetória artística no palco do Teatro Vanucci

De que maneira nasceu o projeto 'Não Me Entrego, Não!', com Flávio Marinho?

Othon Bastos: Eu fui ver "Judy – O Arco-Íris É Aqui", a peça anterior dele, que era linda, e fiquei pensando em como abordá-lo para fazermos algo juntos. Minha mulher (a também atriz Martha Overbeck) insistiu para que eu falasse com ele, que me surpreendeu quando me disse: "Vamos Fazer". Levei uns textos para o Flávio, que foi crítico teatral no início da carreira, e ele começou a pensar. A peça não é uma autobiografia exatamente, é, sim, um olhar sobre passagens da minha carreira. As amargas, não. É como eu vejo a arte aos 91 anos, cheio de vontade de trabalhar. Mas é difícil fazer algo com essa idade, pois a TV virou baby face, só tem jovem. Fiz algumas coisas boas recentemente no cinema, como "Por Um Fio", que está por vir. Mas são participações. Estou na fase das participações. Meu último papel de protagonista, "O Paciente", já tem uns seis anos.

Qual é a tarefa social de um ator?

É ver o mundo sob o olhar dos personagens, refletindo vida, sociedade, luta. Estou fazendo meu primeiro monólogo aos 91 anos. Quando eu comecei, há 73 anos, a gente tinha um objetivo: combater um sistema opressor. Hoje não sabemos quem vamos combater. Cheguei aos 90 procurando diretrizes, voltando a pensar formas para que o mundo não fique tão ruim, com tanto descaso.

Você frisa muito em sua fala sua idade, os 91 anos. Envelhecer assusta?

Perguntaram certa vez ao velho Galileu quantos anos ele tinha. Ele falou: "Eu tenho 5, 6, 7 anos". Aí, retrucaram: "Como pode o senhor nessa idade ter só isso?". Ele respondeu: "Tenho, 5, 6 ou 7 anos de possibilidade de viver ainda". Eu não sei quantos anos terei pela frente, mas eu quero saber é do futuro. Quero trabalhar na parte que me resta deste latifúndio. Quero dominar a minha vida sem viver de saudades. "Deus e o Diabo Na Terra Do Sol" foi o filme que me jogou para frente, mas eu não quero me limitar a ele. Enquanto houver força, quero atuar.

Você está satisfeito com a política que se pratica hoje no Brasil?

Pelo amor de Deus, que política?! Eu só vejo desesperos no Poder, com gente fazendo as maiores besteiras, num vaivém onde os políticos só pensam em si. Lula tem competência. Mas uma hora diz uma coisa, outra hora diz outra. Isso é um problema. Acho que os políticos estão empenhados apenas em continuar onde estão. Falta alguém que queria pensar o país.

Já o teatro... com esse você está satisfeito?

Com ele e com o cinema, pois nunca vi produzirem tanto. O teatro pra mim foi tudo e será tudo. Vivo teatro, respiro teatro. A missão de um ator é falar a verdade.

Mas atuar ainda te dá medo?

Muito medo. Insegurança. Eu me pergunto: "Será que ainda terei força para fazer o que eu fazia antes?". Espero ter tenacidade para isso. Se acontecer um terço do que planejo, já vou estar felicíssimo. Quero subir em cena e dizer: "Estamos aqui!".

A voz de quem escreve

Moacyr Luz, Pedro Luís, Edu Krieger, Gabriel Moura, Pierre Aderne e Rodrigo Maranhão se unem em projeto que mostram suas versões para sucessos gravados por outros intérpretes

Divulgação

Pedro Luís, Gabriel Moura, Edu Krieger, Moacyr Luz, Rodrigo Maranhão e Pierre Aderne no projeto Voz dos Compositores

Um coletivo de compositores brasileiros formado por Moacyr Luz, Pedro Luís, Edu Krieger, Gabriel Moura, Pierre Aderne e Rodrigo Maranhão -, estreia nesta sexta (7) o projeto Voz dos Compositores. A ideia é mostrar as versões dos autores para canções conhecidas nas vozes de outros intérpretes - e as histórias por trás delas.

O encontro será gravado pelo produtor carioca Carlos Fuchs (ganhador de um Grammy por "Pasieros", álbum de Rubén Blades e Boca Livre) para virar álbum digital, a ser lançado no final do ano. O sexteto de ases da composição se reunirá pela primeira vez no belo Coliseu de Lisboa, em Portugal.

Voz dos Compositores quer jogar luz sobre os criadores por trás das canções, que muitas vezes permanecem à sombra de suas obras. É o encontro de seis compositores com muito em comum (incluindo várias parcerias), celebrando a alquimia que transforma palavras e sentimentos em canções populares.

Juntos, Moacyr Luz, Gabriel Moura, Pierre Aderne, Pedro Luís, Edu Krieger e Rodrigo Maranhão prometem ainda revelar histórias e curiosidades sobre canções que fizeram sucesso nas vozes de outros intérpretes.

No repertório do projeto estão: de Edu Krieger "Ciranda do Mundo" (gravada por Maria Rita); de Pedro Luís "Mão e Luva" (gravada por Adriana Calcanhotto); de Moacyr Luz/Aldir Blanc/Paulo César Pinheiro, "Saudades Da Guanabara" (gravada por Beth Carvalho); de Gabriel Moura com Seu Jorge e Jovi Joviniano, "Brasis" (gravada por Elza Soares); de Pierre Aderne com Gabriel Moura, Seu Jorge e Pretinho da Serrinha, "Mina do Condomínio" (gravada por Seu Jorge); e de Rodrigo Maranhão "Samba de Um Minuto" (gravada por Roberta Sá), entre muitas outras.

Ludmilla anuncia giro pelo Brasil

Cantora levará show 'Numanice' a 19 cidades a partir de 17 de agosto

Após cancelar a turnê "In The House", Ludmilla anunciou as datas e as cidades que vão receber shows de sua nova excursão. A cantora vai pegar a estrada com a apresentação "Numanice", baseada nos três volumes de sua obra dedicados ao pagode.

O banner publicado por Ludmilla nas redes sociais revela shows em 19 cidades, incluindo duas datas no exterior - uma em Miami, nos Estados Unidos, e outra em Lisboa, em Portugal. O giro começa no dia 17 de agosto e vai até junho do ano que vem.

No Brasil, Ludmilla vai tocar em 11 capitais, incluindo Belém, Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza, Recife, Natal e Brasília, além de São Paulo e Rio de Janeiro. A pré-venda dos ingressos abre nesta quinta-feira (6).

Reprodução internet

Ludmilla durante aparição surpresa em evento de pagode no subúrbio carioca

Ludmilla recentemente cancelou a turnê "Ludmilla in The House", que passaria por estádios do Brasil a partir do último mês de maio, poucas semanas antes de seu início. No mesmo dia, Ivete Sangalo também cancelou a excursão que faria com a mesma produtora.

Em postagens no Instagram, as artistas acusam a produtora 30e, que organizaria as duas turnês, de não garantir as condições necessárias previstas em contrato para o início dos shows. Em nota à Folha de S.Paulo, a produtora afirmou que não houve negociação anterior à decisão de Ludmilla.

As novas datas da turnê "Numanice" foram antecipadas por uma aparição surpresa de Ludmilla na Resenha Pagode e Chinelo, tradicional roda de pagode realizado junto ao viaduto de Pilares (Zona Norte), na última segunda-feira (3). Ela chegou ao evento de surpresa e lá cantou a música "Saudade da Gente" e anunciou o início de sua nova turnê pelo Brasil.

O amor e seus devaneios na visão de Bruna Alimonda

Cantora e compositora pernambucana faz sua estreia solo no bom álbum 'Estado Febril'

Sucesso nas plataformas digitais como o hit "Para de Me Curtir e Me Ama", a cantora, compositora e atriz pernambucana Bruna Alimonda traz o amor e seus devaneios no seu primeiro álbum solo "Estado Febril". Capitaneado pelo single "Me beija na Rua", o álbum é uma fusão de influências musicais que abrangem ritmos latino-americanos e a tradicional MPB, que é a raiz musical de Bruna, junto de referências ao brega romântico recifense.

Duda Portella/Divulgação

"Estado Febril" é um projeto que ganhou vida durante os desafiadores dias da pandemia. O título do disco, intrigante por si só, surgiu da inspiração de Bruna em momentos de devaneios e temperaturas oscilantes. No entanto, essa febre é mais do que apenas uma condição física; é uma metáfora que ela utiliza habilmente para explorar o amor e a sensibilidade.

Mulher LGBTQIAPN+ e orgulhosamente nordestina, Bruna encontra no amor um refúgio e uma fonte de inspiração. Ela compartilha suas experiências e perspectivas únicas por meio de nove músicas de autoria própria presentes em "Estado Febril". Bruna é também a compositora de muitas das canções da banda que integra, Abacaxepa, uma representante do novo indie nacional que já lançou colaborações com nomes como francisco, el hombre, Filipe Catto e Assucena Assucena.

Além de sua música, a artista conquistou uma presença significativa nas redes sociais. Com milhares de seguidores no TikTok e Instagram, ela compartilha seu talento musical de forma autêntica. Seus vídeos em voz e violão, juntamente com músicas autorais como "Me Beija na Rua", receberam reconhecimento de artistas renomados, como Adriana Calcanhoto, Marina Lima e Maria Bethânia. Esse momento de destaque no ambiente virtual fez a artista preparar algo somente seu para o mundo real com seu debut.

Além da carreira solo, Bruna Alimonda integra a banda Abacaxepa

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Amália Gonçalves/Divulgação

Domínio da sofrência

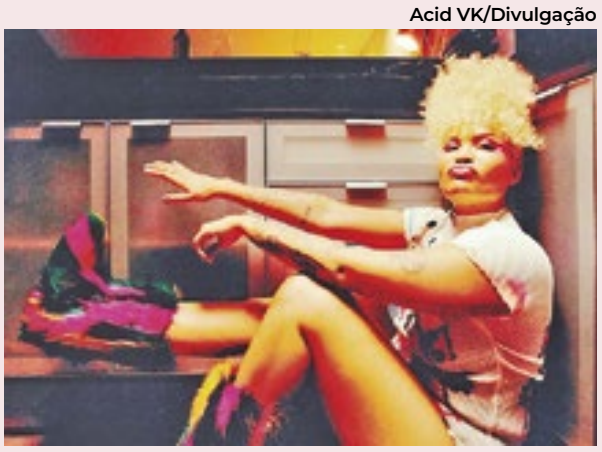
Cantora, compositora, atriz e diretora de cinema, Gabi Lamas é uma artista que faz da performance elemento chave de sua arte, com teatralidade e dramaticidade. Usando em conjunto com bom humor e ironia, ela faz uma MPB pop com elementos de rock e de sofrência em seu single de estreia solo "Dói Demais". A faixa é a primeira amostra do EP visual e surgiu como um desabafo. "A canção surgiu de um vez só! Eu realmente não sabia que doía tanto. Sem me apegar a ritmos e sonoridades, eu só conseguia pensar na sofrência em que eu estava absorta", conta ela.

Marchinha batidão

A multiartista carioca Tatiana Dauster se prepara para lançar seu novo álbum de estúdio, "Origami", previsto para agosto. A primeira amostra é a explosiva, solar e carnavalesca "Chuá". Sucesso nas apresentações da artista, a faixa com tom de marchinha é uma parceria com Magali e está disponível em todas as plataformas de streaming. "'Chuá' tem um astral que combina com o carnaval. Ela é divertida, vibrante, um jato de vida! Puro zig zag da existência! Passeia pela marchinha, vai pro reggae e desemboca no batidão", explica.

Daisy Xavier/Divulgação

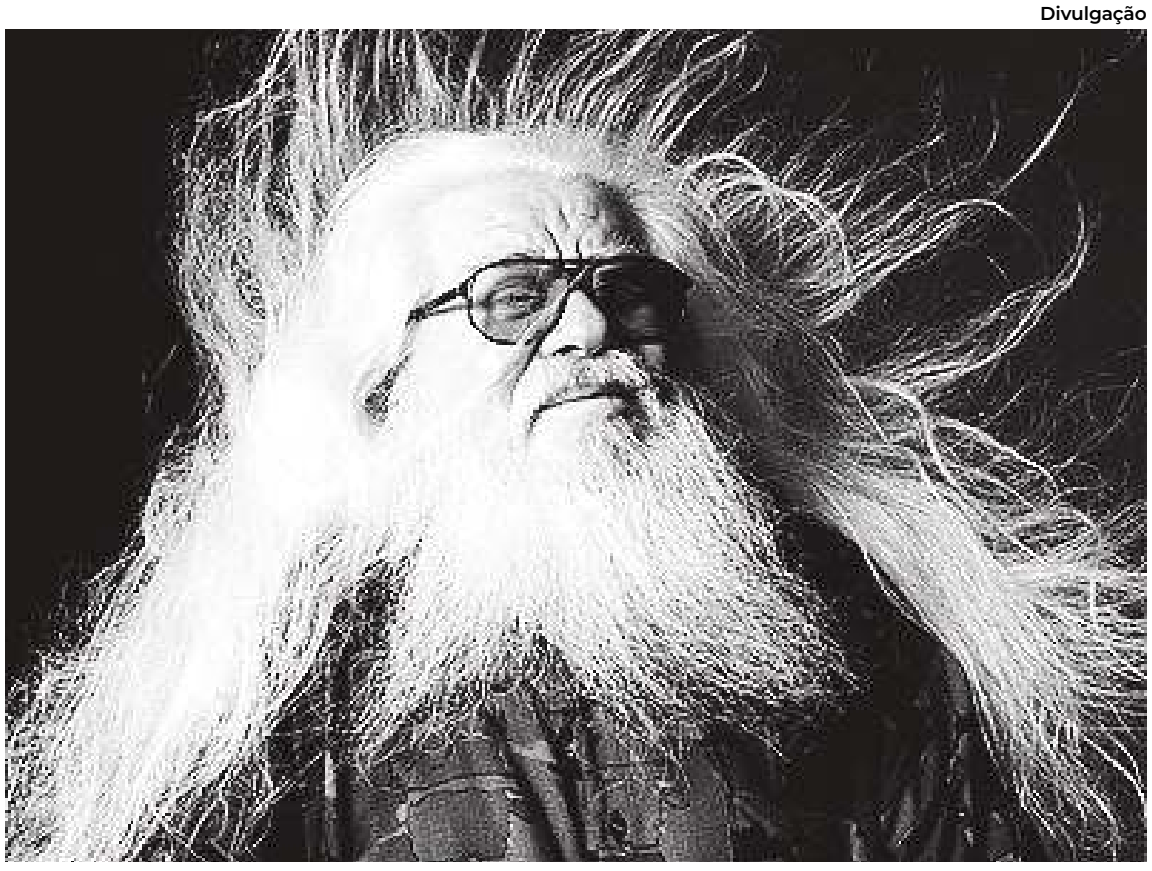
Acid VK/Divulgação



Cantando a ausência

Revelação do pop nacional, Marianna lança o clipe de "Nada Vai Ser Como Antes". A faixa fala sobre o fim do amor e da vontade de lutar por si mesma com o caldeirão de influências, do alternativo ao R&B, flertando com a house music. O vídeo, dirigido pelo Duo Dois Pontos, composto por Vitin Allencar e Bruno Arrivabene, foi gravado num apartamento com repetições de imagens evidenciando a presença e a ausência da pessoa amada. A dupla já trabalhou anteriormente com Marianna nas produções "Meu Vício É Você" (versão do clássico de Alcione elogiada pela Marrom).

Divulgação



Além dos instrumentos tradicionais, Hermeto Pascoal faz uso de objetos e, até de partes do corpo como a sua barba, para extrair sonoridades surpreendentes

Hermetiando geral

Hermeto Pascoal, com novos disco e exposição, recorda Miles Davis e Elis Regina

Por Lucas Brêda (Folhapress)

Hermeto Pascoal guarda boas recordações de São Paulo. Na cidade em que acaba de abrir uma exposição -"Ars Sonora", no Sesc Bom Retiro- dedicada à sua obra visual, ele descobriu ruídos únicos. Para os seus ouvidos, eram quase música. "Uma vez, encostei num poste e me deu vontade de fechar os olhos", diz o músico alagoano. "Fiquei um tempão. Foi uma emoção ouvir tudo ali de uma vez só - o barulho dos carros, sonoro, bonito. Quando abri os olhos, se não seguro no poste eu caía."

Lenda da música brasileira, Hermeto tem se permitido fazer algo raro, olhar para trás - ou pelo menos deixar que olhem por ele. Acaba de lançar o álbum "Pra Você, Ilza", com composições escritas meses antes da morte da mulher, Ilza, no ano 2000, depois de 46 anos juntos. Também é tema de um novo livro, "Quebra Tudo! A Arte Livre de Hermeto Pascoal", sua primeira biografia, além da exposição.

No Sesc Bom Retiro, a imaginação sonora de Hermeto se revela em objetos que não emitem som. São desenhos de partituras feitos em todo tipo de superfície -chapéus, chaleiras, louça, caixas, tênis, revistas, sacolas de supermercado, copos descartáveis, máscaras e até tampas de privada.

É como se o Bruxo, como é conhecido o alagoano, compusesse canções também com o traço e as cores. "Já nasci música, não fiz nada que não tivesse música", ele diz. "Montar num cavalo e ele sair me guiando, porque eu não via direito, é música. Uma cor, um desenho num papel, tudo isso vale como música. O que escrevo numa bacia de banheiro é tão importante quanto o que escrevo em qualquer papel, porque a música é sagrada."

A grande maioria das composições exibidas na exposição paulistana, diz Hermeto, não nasceu na forma de som --isto é, as faixas foram escritas diretamente no papel, sem que necessariamente fossem tocadas. Mas não foram feitas apenas para adornar os objetos. "Esqueci de sempre escrever 'toque, por favor'", ele diz. "Acham tão bonito que pensam que é só para ver. Mas música é para se tocar."

Foi o que ele fez com um caderno com centenas de composições, feitas entre o fim de 1999 e o começo de 2000, que gerou "Pra Você, Ilza". Em fevereiro deste ano, entrou em estúdio acompanhado por seu grupo -André Marques no piano, Jota P no saxofone, Itiberê Zwarg no baixo, Ajurinã Zwarg na bateria e Fábio Pascoal na percussão- para gravar 13 daquelas partituras.

Mais do que simplesmente executar todas as canções, Hermeto e o quinteto criaram a partir do que estava no papel. As composições serviram como ponto de partida, mas os arranjos, viradas, timbres e ritmos das músicas foram criados no calor do momento -como, aliás, tudo o que o artista faz. Se não for espontâneo, para ele, não serve.

Ilza, sua mulher, era conhecida por fazer uma feijoada de sabor sem igual, diz Hermeto. Ela pilotava o fogão com essa premissa. "Você comia a feijoada dela, meu camarada, era impressionante o jeito que ela fazia, o gosto", diz. "Era uma cozinheira sensacional. Hoje é tudo feito combinado, pega a receita e faz igual. No tempo dela cada um fazia à sua maneira. E ela era criativa."

Hermeto a conheceu quando os dois eram adolescentes. Tiveram de mentir a idade para se casar. O alagoano tinha deixado o povoado de Olha d'Água, em Lagoa da Canoa, na região de Arapiraca, para tentar a vida no Recife -cidade lembrada em vários títulos de músicas do novo álbum. Começou a trabalhar como músico de rádio, substituindo outro gênio albino da música brasileira, Sivuca.

Desde criança, Hermeto Pascoal tem dificuldade para enxergar, mas foram os olhos que atraíram a mulher. "Ela achava bonito, não abriam, nem fechavam", ele afirma, e diz que de cara não soube que estava diante da mulher de sua vida. "Premeditar realmente não é o meu negócio, aconteceu tudo bem naturalmente."

Foi com essa naturalidade peculiar que Hermeto conduziu uma memorável performance ao lado de Elis Regina no Festival de Montreux, na Suíça, há 45 anos. Depois do show com seu grupo, eles apresentaram juntos "Garota de Ipanema", "Asa Branca" e "Corcovado". O alagoano martelou o piano com dissonâncias e caminhos melódicos nada óbvios, enquanto ela se virava para acompanhar.

Até hoje se comenta que Hermeto estaria pregando uma peça na cantora. Mas Hermeto nega. "Nunca acompanhei uma cantora tão musical na minha vida até aquele dia, nem depois", diz. "Tudo o que fiz de espontaneidade no piano era de acordo com a musicalidade dela. Quem não tinha alcance musical, como algumas pessoas da imprensa, não entendeu. Ela estava curtindo e tendo atenção aos acordes. Foi um namoro eterno, tanto que ela me elogiou depois em entrevista, me chamou de deus."

No começo daquela década, Hermeto se tornou amigo de outro grande nome da música, Miles Davis. "Quando me viu, foi uma atração", diz. "Disse 'vocês me conhecem, quando vou tocar não falo com ninguém, mas alguma coisa me levou até esse cara'. São coisas como essa que me fazem acreditar em Deus."

A atração foi tanta que o gênio do jazz gravou com Hermeto -e de Hermeto. Três das oito faixas de "Live - Evil", de 1971, teriam sido compostas pelo alagoano, ainda que no LP original todas elas tenham sido creditadas ao americano. Nas músicas "Little Church", "Selim" e "Nem um Talvez", o brasileiro só é citado como instrumentista. Atualmente, no streaming, o alagoano só é creditado como compositor de "Nem um Dia".

O caso, que já rendeu uma entrevista enfurecida de Edu Lobo, xingando Miles Davis. Para Hermeto, o americano, que teria dado a ele o apelido de "crazy albino" -ou "albino louco"-, não é o culpado por sair como o compositor das músicas, mas sim sua equipe.

Aos 87 anos, Hermeto já fez música com animais, objetos, plantas, água e partes do corpo que contabilizar é uma tarefa inglória. Certo, para ele, é que a criatividade está longe de se esgotar.

Rio2C entra na **reta final**

Evento que se encerra no fim de semana terá o Festivalia com shows, experiências com realidade virtual, games e gastronomia

Divulgação

Evento de inovação, o Rio2C vai até o fim de semana na Barra

O fim de semana de encerramento do Rio2C é tradicionalmente dedicado à Festivalia, oportunidade para que os jovens possam se conectar aos principais nomes e empresas da indústria criativa em workshops, bate-papos, jogos, oficinas e masterclasses.

A programação, que acontece nos dias 8 e 9 de junho, na Cidade das Artes, também aproxima fãs de seus ídolos, que compartilham suas experiências e discutem temas que vão da ciência à música, da televisão à rede social, das arenas esportivas ao ambiente corporativo.

A grade variada inclui ainda dois palcos com shows, experiências com realidade virtual, games e área gastronômica.

Dois palcos receberão shows no fim de semana. Na área dos pilotis, no térreo, o Rio2C Stage abre a happy hour das 18h às 20h. O público da Festivalia poderá ainda conferir, a partir das 13h30, os PitchingShows, oportunidade para novos talentos se apresentarem para integrantes de diversas áreas do meio musical, como empresários, executivos de gravadoras, programadores de festivais, jornalistas, entre outros.

O Rio2C tem nesta edição diversos conteúdos de realidade virtual (VR), incluindo filmes, documentários, animações e jogos. Com 9min de duração, 'Amazônia Viva' e um filme 360° 3D dirigido por Estevão Ciavatta e coproduzido pelo Studio KwO XR e Pindorama Filmes. Os participantes do Rio2C poderão viver experiências inéditas em 'Fundo do mar 360 / Fernando de Noronha/.

Já o projeto VR.Zen é um convite à casa interior de cada um e utiliza a realidade virtual para levar o público a paisagens paradisíacas, em uma jornada em busca de reflexão sobre vida e felicidade. Entre os conteúdos interativos, um dos destaques é 'The Line' (A Linha),- vencedor do Primetime Emmy de 2020 por Inovação Excepcional em Programação Interativa e Melhor Experiência de VR no 76º Festival de Cinema de Veneza.

Para todos os gostos e bolsos, a área gastronômica terá opções de restaurante, food boxes, trucks e bikes da Babbo Osteria, Pastrella, Marinho, Amir, TT Burguer, Açougue Vegano, Poke Kauai, Billy the Grill, Sebastian Gastro Bar, Rock Burguer, Vulcano, Lievita, Tasquinha do Portuga, Los Polos Fritos, Las Empanadas, Sorvetes Vitalli, Rei do Mate e Woods Wine.

SERVIÇO

FESTIVALIA RIO2C 2024
Cidades das Artes (Av. das Américas, 5300 - Barra da Tijuca)
8 e 9/6, das 11h às 20h
Ingressos: R$ 100 a R$ 50 (meia-entrada para um dia – 1º lote)

Festival de Vitória **celebra Lázaro**

Ator, diretor e escritor vibra com homenagem anunciada pelo evento audiovisual capixaba

O ator, diretor e escritor Lázaro Ramos é o Homenageado Nacional do 31º Festival de Cinema de Vitória. A Cerimônia de Homenagem acontece no dia 25 de julho, às 19h, no Teatro Glória, no Sesc Glória, no Espírito Santo. A Coletiva de Homenagem será realizada no mesmo dia, às 15h, no Hotel Senac Ilha do Boi.

Como parte da homenagem, o artista receberá o Troféu Vitória e o Caderno do Homenageado, publicação inédita e biográfica, assinada pelos jornalistas Leonardo Vais e Paulo Gois Bastos, que trata da sua vida e trajetória profissional.

"Eu fico muito feliz, muito grato de verdade em ser homenageado neste festival que eu acompanho de longe já faz muito tempo, ou por amigos que me contam, como Elisa Lucinda, que sempre falou com muito carinho do evento, ou pelas notícias que chegam até a mim. Eu acho que nesse momento em que o audiovisual está se revendo, nunca foi tão importante manter vivo os festivais de cinema. Que são espaços de troca, de fortalecimento, de mostrar filmes que não encontram seu espaço de projeção em outros lugares e de reafirmar a força do cinema brasileiro", conta Lázaro.

Vinicius Mochizuki/Divulgação

Lázaro Ramos

Baiano de Salvador, Lázaro Ramos começou a atuar na década de 1990, no Bando de Teatro Olodum. No coletivo teatral ele interpretou inúmeros clássicos como Sonho de Uma Noite de Verão, de William Shakespeare, Ópera dos Três Vinténs, de Bertolt Brecht; e Dom Quixote, de Miguel de Cervantes; além de textos autorais como o sucesso Ó Paí Ó, que foi adaptado para o cinema, em 2007, com grande sucesso. Ao realizar projetos fora do grupo, ele esteve em espetáculos como A Máquina (2000), de João Falcão, ao lado de Wagner Moura e Vladimir Brichta. Em 2007, ele atuou em O Método Gronholm, texto que ele retoma como diretor, em 2020. Desde 2015 ele dirige, atua e produz o espetáculo "O Topo da Montanha, peça teatral em que, ao lado de Taís Araujo, interpreta o reverendo Martin Luther King".

No cinema, atuou em mais de 40 produções, que transitam por diversos gêneros audiovisuais. Na lista de trabalhos está o cultuado "Madame Satã" (2002), de Karim Aïnouz, que o fez figurar na lista de melhores atores do jornal The New York Times e lhe rendeu mais de 30 prêmios.

Sebastião Salgado

'Serra Pelada', de 1986, foi escolhida por críticos do 'The New York Times' pelo impacto causado na época: 'marcante'

Imagem da era moderna **(mas nem tanto)**

Foto de Sebastião Salgado, tirada no garimpo de Serra Pelada em 1986, entra em lista de imagens que definem a era moderna

O fotógrafo Sebastião Salgado teve uma foto selecionada para a lista de 25 imagens que definem a era moderna feita pelo New York Times. Foram selecionados cliques feitos ao redor do mundo desde o ano 1955.

A foto do brasileiro que foi escolhida mostra trabalhadores numa área de garimpo em Serra Pelada, no estado do Pará. A imagem foi feita em 1986.

"Um dos aspectos mais marcantes das fotografias de Sebastião Salgado de uma mina de ouro a céu aberto no Brasil é a escala", diz o jornal americano. "Milhares de homens - seus corpos curvados e frágeis - são representados em miniatura contra o plano de fundo de uma enorme cova na terra."

O texto, assinado pelo escritor e crítico de arte Emmanuel Iduma, afirma que Salgado opta por não incluir o horizonte no quadro. "O espectador não consegue ver onde termina a jornada perigosa dos trabalhadores."

"Quando foram publicadas em 1987 na The New York Times Magazine, elas revelaram uma corrida do ouro do final do século 20 e as condições terríveis enfrentadas por aqueles no fundo dela", diz Iduma, que ainda conta que o brasileiro passou 35 vivendo ao lado dos mineiros em Serra Pelada, quando tirou as fotos.

Iduma ainda cita que os críticos de Salgado o rotulam de "esteta da miséria", "usando a situação dos pobres e marginalizados para criar imagens visualmente marcantes".

Mas também traz uma resposta do fotógrafo dada ao Guardian. "As fotos que tirei, tirei do meu lado, do meu mundo, de onde venho", ele disse ao jornal britânico. "A falha que meus críticos têm, eu não tenho. É o sentimento de culpa."

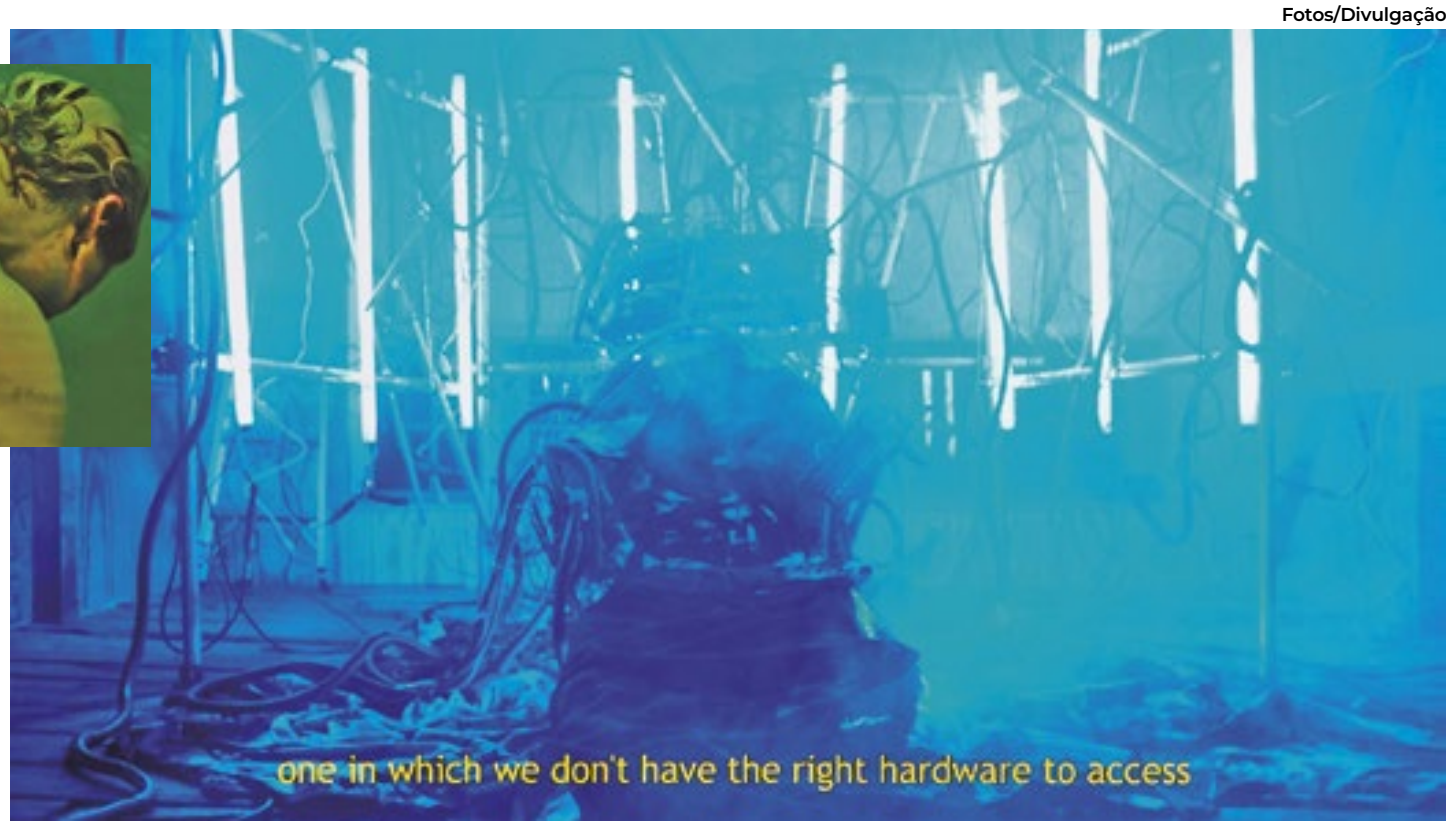
As 25 imagens selecionadas pelo New York Times foram escolhidas por um "grupo de especialistas", diz o jornal. Eles se reuniram "para discutir as imagens que melhor capturaram - e mudaram - o mundo desde 1955".

Além de Salgado, foram escolhidas fotografias de nomes como Robert Frank, Gordon Parks, Alberto Korda, Diane Arbus, Malcolm Browne, Ernest C. Withers,Cindy Sherman, Nan Goldin, Stuart Franklin, Richard Drew, Deana Lawson e Carlijn Jacobs, entre outros.

Drew Forsyth/Divulgação

Sebastião Salgado, o fotógrafo brasileiro de maior reconhecimento mundial

Fotos/Divulgação



Artista visual tailandês Korakrit Arunanondchai apresenta videoinstalações imersivas a partir do dia 8 no Solar dos Abacaxis

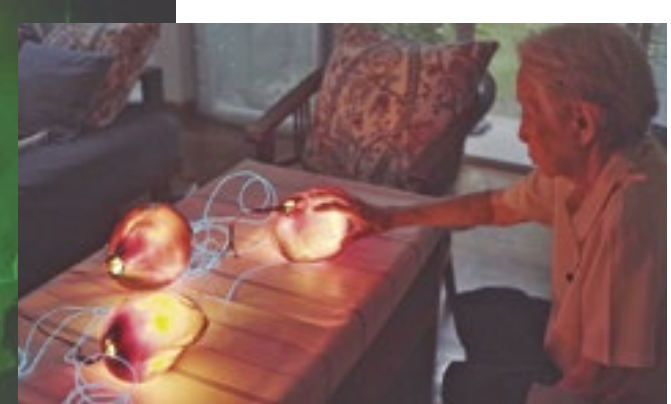
Tecnologia e espiritualidade em **interseção**

Conhecido internacionalmente por produções audiovisuais e instalações multimídia que exploram temas de hibridismo cultural, tecnologia e espiritualidade, o artista visual tailandês Korakrit Arunanondchai apresenta, a partir deste sábado (8), no Solar dos Abacaxis uma videoinstalação imersiva desenvolvida de maneira site-specic.

A obra inclui dois filmes do artista, atualmente radicado em Nova York (EUA) - "No History in a room filled with people with funny names 5" (2018) e "Withhistory in a room filled with people with funny names 4" (2017). As obras exploram questões espirituais e políticas em torno da interseção entre as inteligências da natureza e as organizações da sociedade, desdobrando o eixo de pesquisa sobre Ecologias Queer desenvolvida pelo Solar ao longo do ano.

Com currículo que inclui exposições em instituições de prestígio como a Bienal de Veneza, Moderna Museet em Estocolmo, Museu Serralves em Portugal, Bienal de Gwangju e o MoMA PS1, Arunanondchai é reconhecido pelo seu interesse na arte como espaço de potência, união e aprendizagem. Seu trabalho entre performance, vídeo e instalação reflete a complexidade da sociedade contemporânea na perspectiva de uma Tailândia em transformação.

O trabalho de Arunanondchai é caracterizado por suas imagens imaginativas e muitas vezes surreais, muitas vezes incorporando elementos da cultura pop, folclore e experiências pessoais. Seus vídeos, em particular, conquistaram reputação por conta de narrativas cativantes e rigor estético.



Korakrit Arunanondchai é um artista multidisciplinar cujo trabalho faz uso de uma infinidade de imagens culturais, religiosas e populares para criar mundos com visuais fantásticos

SERVIÇO

KORAKRIT ARUNANONDCHAI

Solar dos Abacaxis (Rua do Senado, 48 -Centro)

De 8/6 a 17/8

Entrada franca